

Atenção farmacêutica em xeque

Élber Barbosa Bezerra de Menezes,
conselheiro Federal de Farmácia pelo Ceará, diretor
tesoureiro do Conselho Federal de Farmácia

A atenção farmacêutica, a parte mais pulsante do que se denomina farmácia clínica, é um broto novo que dá sinais vigorosos de crescimento, no Brasil. Embora seja parte da farmácia clínica, a atenção confunde-se com ela, a ponto de uma e outra portarem, com a concordância até de especialistas, o mesmo significado. A farmácia clínica nasceu, nos anos 60, nos Estados Unidos. O seu pólo irradiador foi um grupo de professores e estudantes da Faculdade de Farmácia da Universidade de São Francisco, na Califórnia. Esse grupo pautou-se em questionar e encontrar saídas para o “garrote” de que era vítima a profissão farmacêutica, com o advento da indústria farmacêutica e a produção massificada de medicamentos.

O fenômeno industrial roubou o espaço dos farmacêuticos que, antes, não só eram os proprietários das farmácias (à época, não havia a figura da drogaria), como também atuavam, manipulando e até produzindo princípios ativos. Com a massificação da produção, o farmacêutico passou, então, a ser visto pela sociedade menos como um profissional de saúde e mais como um mero dispensador de medicamento. Surgiu, aí, em meio a esse vácuo, o sentido pejorativo de dispensador: *entregador de caixinhas coloridas de remédio*.

O grupo da Universidade de São Francisco encontrou, na atenção farmacêutica, a resposta para a questão que impacientava a categoria. A atenção é, nada mais, nada menos, que a filosofia de prestar orientação ao usuário, dentro de uma visão integral e complexa do paciente em sua relação com o medicamento. A farmácia clínica e (ou) a aten-

ção, portanto, trouxe um novo sentido ao profissional do paciente / medicamento.

Por ser aquela atividade que coloca o farmacêutico em contato direto com o paciente (muitas vezes, o farmacêutico é o último e até o único profissional da saúde a manter esse contato), a atenção vem ganhando o *status* de o mais belo quadro da atividade farmacêutica, a alma da profissão.

Mais não é só por isso que ela goza de todo esse prestígio. Também, porque a prestação de atenção ou orientação ao usuário do medicamento traz inúmeras outras vantagens, a seguir: desafia a assistência médica e barateia os custos dos sistemas público e privado com o medicamento e com a área médica, em geral; traz segurança para o usuário do medicamento e melhora a sua adesão ao tratamento; ajuda-o a controlar a sua doença e a ter mais participação no seu autocuidado.

Além disso, facilita a detecção de efeitos adversos ao medicamento e apresenta sugestões para atenuá-los. Enfim, melhora a qualidade de vida do paciente. A atenção farmacêutica é capaz de “virar a mesa” da saúde de uma comunidade. É algo tão forte que pode revelar o nível de saúde de um povo. Por tudo isso, ela é tão recomendada pela Organização Mundial de Saúde e adotada pelos países do Primeiro Mundo.

Com a criação, no Brasil, da política de medicamentos genéricos pela Lei 9787/99, a atenção farmacêutica mereceu espaço dentro da agenda oficial da saúde brasileira. Isso, porque a Lei estabelece que somente o farmacêutico pode fazer a substituição do medicamento de marca pelo genérico. Essa operação é algo



tão sério que a própria Lei exige que o farmacêutico, ao proceder a troca de medicamentos, assine por ela e registre, na receita médica, o seu carimbo onde está contido o seu número de inscrição junto ao CRF (Conselho Regional de Farmácia).

Essa troca deve ser cercada de cuidados. Um deles é a obrigação que o farmacêutico tem de orientar o paciente, chamando-lhe a atenção para possíveis reações adversas, a forma correta de tomar o medicamento e, se for o caso, encaminhá-lo ao médico etc., etc. Isso é atenção farmacêutica.

Agora, preciso fazer uma advertência: se, com toda a grandeza humana e sanitária que está contida na atenção farmacêutica, o farmacêutico recusar-se a ir para a farmácia prestar orientação ao usuário do medicamento, ele será responsabilizado como o vilão pelo fracasso da instalação da política de medicamentos genéricos, no Brasil, e pelo insucesso prematuro desse movimento que engatinha, no País, prometendo tornar-se uma importante força que ajudará a dar um novo oxigênio à saúde brasileira.